

Vamos falar sobre saneamento

Por Wanderley da Silva Paganini, professor da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo

Editorias: Artigos - URL Curta: jornal.usp.br/?p=311738

FACEBOOK



Wanderley da Silva Paganini –
Foto: Reprodução/Abes

Saneamento é saúde. Eventos históricos e estudos epidemiológicos estão aí para comprovar a veracidade dessa informação. Os efeitos benéficos diretos e indiretos do abastecimento de água e do esgotamento sanitário sobre a saúde, e os investimentos em saneamento adequadamente aplicados têm mostrado, em médio e longo prazos, sua relação com a redução dos índices de mortalidade infantil e de doenças de veiculação hídrica.

Mas o momento atual trouxe nova força a essa frase. O simples ato de lavar as mãos é a mais importante barreira sanitária na proteção contra a covid-19. Mas para lavar as mãos é preciso ter acesso ao saneamento, e sob esse aspecto, o Brasil ainda precisa melhorar.

E parece oportuno falar sobre saneamento nesse momento, para que ele ganhe força, como ação prioritária, após a superação da pandemia do novo coronavírus.

Há alguns anos, uma visão mais abrangente do saneamento vem se consolidando, partindo da premissa de que não basta disponibilizar obras para o alcance dos seus benefícios, pois as medidas de saneamento podem ter seus efeitos sobre a saúde minimizados ou até mesmo anulados, por fatores de ordem comportamental ou ambiental.

Essa constatação não é apenas teórica. O setor de saneamento, fortemente ligado ao campo da engenharia, já possui evidências que lhe permitem aceitar essa realidade. As obras e os equipamentos de saneamento só funcionarão como uma efetiva barreira sanitária, interrompendo o processo de transmissão de doenças, a partir de sua correta utilização e da incorporação pela população de hábitos e comportamentos saudáveis.

Apenas o acesso aos serviços de saneamento não é o bastante para promover a melhoria das condições ambientais e da qualidade de vida, se não houver o envolvimento das pessoas. Para que as ações de saneamento tenham êxito, devem ser concebidas e implantadas de forma a respeitar a realidade de cada local, considerando a diversidade cultural das comunidades e populações, que deverão ter uma participação ativa nesse processo, desde a concepção do projeto.

Esse envolvimento vai possibilitar que cada um compreenda e seja parte das transformações que o saneamento pode proporcionar, considerando os direitos e responsabilidades individuais e coletivos envolvidos nesse processo. O saneamento possibilita às pessoas seu crescimento pessoal, traz luz à consciência social, à vida cidadã.

São dois desafios a se enfrentar: promover a universalização do saneamento e orientar a população para que ela faça o uso adequado da infraestrutura disponibilizada. A realidade atual está nos cobrando de forma dolorosa essas providências.

De maneira simplificada, é possível afirmar que as obras são para sanear e a educação e o envolvimento social são para despoluir e promover saúde, e assim é necessário o envolvimento de toda a sociedade, ou seja, não basta a execução de obras e o domínio da tecnologia, pois não há tecnologia capaz de fornecer desenvolvimento e conforto para uma população que ainda carece de acesso aos conceitos fundamentais de educação sanitária e ambiental. Para se usufruir das vantagens que um meio ambiente equilibrado e sadio pode proporcionar é preciso que se invista em educação, pois, como já se sabe, ela é a base que sustenta as transformações e os avanços da humanidade.

Para mudar a cultura de pessoas que, por exemplo, nunca tiveram uma torneira ou banheiro em casa, é preciso ir além da simples transmissão de conhecimento, para a efetiva aplicação de práticas de higiene em cada domicílio. Essas práticas individualizadas podem trazer algum benefício à saúde, mas seu alcance é limitado. Para que os equipamentos de saneamento funcionem como uma efetiva barreira sanitária, interrompendo o processo de transmissão de doenças, é necessário que a população, coletivamente, incorpore em seu cotidiano hábitos e comportamentos saudáveis, conectados ao seu entorno.

“O tempo urge”, e pensar o saneamento como instrumento de mudança e transformação da sociedade é agora mais do que simples reflexão, cabendo a cada indivíduo, profissionais da saúde, imprensa, professores e formadores de opinião contribuir para envolver as pessoas, buscando um mundo melhor para todos.

Neste momento em que o mundo começa a abrir os olhos para o tema da sustentabilidade, da economia verde, energia limpa, reciclagem, etc., somos atropelados e obrigados a pensar o saneamento naquilo que ele tem de mais básico: promover a saúde individual e pública. É como um alerta para que seja dada atenção àquilo que é realmente prioritário. Essa é uma lição a ser aprendida e colocada em prática.

Segue uma citação do professor Samuel Murgel Branco (1930-2003), que expressa esse pensamento de forma didática, quando estabelece a preservação humana como fator primeiro, acima de qualquer outro interesse:

“Não teria qualquer sentido a preservação ambiental independente da preservação humana, porque não é admissível que a sociedade humana pretenda preservar uma natureza onde ela própria não tenha lugar”.

AJUDE A USP A AUMENTAR SUAS PESQUISAS CONTRA A COVID-19
 CONHEÇA O PROGRAMA USP VIDA E VEJA COMO FAZER SUA DOAÇÃO



CLIQUE AQUI
PARA DOAR



Política de uso

A reprodução de matérias e fotografias é livre mediante a citação do Jornal da USP e do autor. No caso dos arquivos de áudio, deverão constar dos créditos a Rádio USP e, em sendo explicitados, os autores. Para uso de arquivos de vídeo, esses créditos deverão mencionar a TV USP e, caso estejam explicitados, os autores. Fotos devem ser creditadas como USP Imagens e o nome do fotógrafo.

ARTIGOS



O mundo espera, com ansiedade, o resultado das eleições nos EUA

29/10/2020

Por Luiz Roberto Serrano, jornalista e superintendente de Comunicação Social da USP



Por que "advocacy" para áreas verdes urbanas?

29/10/2020

Por Ivan Carlos Maglio, pesquisador do programa Cidades Globais do Instituto de Estudos Avançados (IEA) da USP, Pedro Roberto Jacobi, professor sênior do Instituto de Energia e Ambiente (IEE) e do IEA-USP, e Vivian Aparecida Blaso Souza Soares César, pesquisadora do Cidades Globais do IEA-USP



Governador Doria, não seja um exterminador da ciência

28/10/2020

Por Alicia J. Kowaltowski, professora do Instituto de Química da USP, e Paulo A. Nussenzweig, professor do Instituto de Física da USP e colunista da Rádio USP